[Recensão a] Tudge, C. 2002. Neandertais, bandidos e agricultores: como começou realmente a agricultura?

Autor(es): Santos, Ana Luísa

Publicado por: CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/41288>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-7982_18_16

Accessed : 26-Apr-2023 02:35:12

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Tudge, C. 2002. *Neandertais, bandidos e agricultores: como começou realmente a agricultura?* Coimbra, Quarteto Editora. (Tít. original: *Neanderthals, bandits and farmers. How agriculture really began*, 1998). 63 p. (Darwinismo Hoje). ISBN 972-871-727-X. € 7,50.

A transição das comunidades humanas para o sedentarismo e para actividades associadas à domesticação de animais e cultivo de plantas, depois de milhares de anos de caça e recollecção, é um tema que tem suscitado o interesse de gerações de investigadores. Desde o século XIX é reconhecida a importância dos avanços tecnológicos que conduziram à criação do termo Neolítico ao qual, posteriormente, foi conferido o estatuto de “Revolução”. A longevidade desta discussão vem-se perpetuando em acesos debates, permitindo teses diversas ao sabor dos tempos.

Eis-nos na presença de mais uma versão que, não sendo completamente inovadora, pois a ideia de uma agricultura incipiente é defendida por alguns investigadores, apresenta-se original na argumentação. Colin Tudge esgrime as suas capacidades de comunicador da ciência conseguindo, em poucas páginas, fornecer abundante informação sobre o aparecimento da agricultura pelo mundo. Nesta obra é sugerido que a “Revolução Neolítica não representa o início da agricultura” (p. 60) mas, sim, a transição entre a agricultura como um suplemento à caça e à recollecção, e o momento, alterado por circunstâncias várias, em que ela se tornou norma. A “proto-agricultura” terá começado ainda durante o Paleolítico, por volta dos 40.000 anos (p. 12), anteriormente, portanto, à dispersão dos seres humanos.

Esta proposta vai assim contra a corrente que defende o início da agricultura no Médio Oriente há cerca de 10.000 anos e destrói a visão de que a agricultura é vantajosa relativamente à caça e à recollecção. A problemática é estruturada em três capítulos: “As várias faces da agricultura”, “O fim dos Neandertais e a devastação Pleistocénica” e “A Revolução Neolítica”, balizados pela “Introdução” e “Conclusões” que sumariam os aspectos desenvolvidos.

Esta obra de divulgação, ao utilizar uma linguagem acessível e até mesmo divertida, abre horizontes ao leitor veiculando ideias contrárias às transmitidas por muitos manuais escolares. O autor articula de forma entusiasta e provocatória elementos sobre fauna, flora e arqueologia com referências literárias e cinematográficas porém, sem se deter em pormenores e na evolução dos conceitos, prática comum ao especialista. Aqueles ingre-

dientes são, nalgumas situações, inseridos de forma excessiva o que os pode tornar perigosos para públicos menos familiarizados com a complexidade da questão. De destacar que Tudge reconhece a sua “própria excêntrica” (p. 61).

Outro aspecto decorrente das características de livro de pequenas dimensões diz respeito à (demasiada) simplificação de temas, como é disso exemplo a resenha sobre a evolução humana (p. 30-31). A Bibliografia poderia servir de salvaguarda, não fosse a inexistência de traduções para português.

Neandertais, bandidos e agricultores integra a colecção “Darwinismo hoje”, série que, segundo o prefácio dos editores, resulta do considerável impacto obtido pelos Seminários sobre Darwin organizados pela *London School of Economics* e que pretende constituir uma apresentação às ideias de Darwin, introduzindo o grande público nos debates actuais em matéria de teorias evolutivas. Convém, no entanto, referir que o livro em questão apenas superficialmente aborda Darwin.

A edição original, publicada em 1998, apresenta-se encadernada, com papel de qualidade e grafismo cuidado; enquanto a portuguesa, apesar de manter as dimensões e design da capa, é brochada e deficitária quanto à revisão científica e gráfica.

Esperamos que a tradução dos restantes livros da série, sem dúvida capazes de cativar públicos heterogéneos, esteja para breve e beneficie dos cuidados devidos.

Ana Luísa Santos

Departamento de Antropologia

Universidade de Coimbra

3000-056 Coimbra, PORTUGAL

alsantos@ci.uc.pt